



**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS SÃO SEBASTIÃO/DF
Licenciatura em Pedagogia**

LIVRO ILUSTRADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ÉRICA TRACY VOGADO OLIVEIRA
EVILINN CAROLINE CARVALHO DOS SANTOS

BRASÍLIA - DF
Janeiro de 2023

ÉRICA TRACY VOGADO OLIVEIRA
EVILINN CAROLINE CARVALHO DOS SANTOS

LIVRO ILUSTRADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Relatório de produto educacional apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Brasília, Campus de São Sebastião, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Prof^ª. Me. Tereza Alice Amaro Medeiros

Coorientadora: Prof^ª. Me. Mônica Padilha

BRASÍLIA - DF
Janeiro de 2023

ÉRICA TRACY VOGADO OLIVEIRA
EVILINN CAROLINE CARVALHO DOS SANTOS

LIVRO ILUSTRADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Relatório de produto educacional apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Brasília, Campus de São Sebastião, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovado em 29 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Tereza Alice Amaro Medeiros (Orientadora)

Prof^ª. Me. Mônica Padilha Fonseca (Coorientadora)

Prof^º. Dr. Rafael Batista de Sousa

Prof^º. Me. Dimitri de Assis Silveira

BRASÍLIA - DF
Janeiro de 2023

RESUMO

O presente relatório cujo produto educacional é uma revista foi desenvolvido a partir de uma experiência de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos, promovido pelo curso de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília - *campus* São Sebastião, trazendo as vivências de duas estudantes do Instituto em conjunto com os diferentes educandos que compõem uma turma no Centro Educacional São Bartolomeu, escola pública localizada em São Sebastião. Exploramos o livro ilustrado como objeto de discussão, reflexão e apreciação. Neste trabalho, colocamos em análise as especificidades da Educação de Jovens e Adultos, a importância da literatura e da literatura ilustrada para este público. Em busca de trabalhos relacionados ao tema, adentramos em um panorama pouco discutido, em que há ainda uma concepção da literatura ilustrada produzida somente para o público infanto-juvenil. Contudo, ao debruçar sobre o assunto, percebe-se que há um equívoco nesta afirmação. Ao elaborarmos o trabalho, buscamos defender que a literatura ilustrada é universal, e quando o professor busca envolver o aluno no processo, compreendendo a sua história de vida e seus gostos particulares, a aceitação e participação do aluno se torna positiva. Alguns autores como Colomer (2017) e Freire (2021), bem como outros pesquisadores dos temas aqui trabalhados, serviram de base para essa discussão. Diante desses momentos de pesquisa, se desdobrou a ideia de produzir um produto educacional em formato de revista que possa servir de orientação para professores que queiram saber mais sobre a literatura ilustrada e suas possibilidades para a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Literatura; Literatura Ilustrada.

ABSTRACT

This Course Completion Work is part of a Supervised Internship experience in Youth and Adult Education, promoted by the Pedagogy course at the Federal Institute of Brasília - São Sebastião campus, bringing the experiences of two students from the Institute together with the different students who make up a class at Centro Educacional São Bartolomeu, a public school located in São Sebastião. We explored the illustrated book as an object of discussion, reflection and appreciation. In this work, we analyze the specificities of Youth and Adult Education, the importance of literature and illustrated literature for this audience. In search of works related to the theme, we entered a little discussed panorama. There is still a conception of illustrated literature produced only for children and young people. However, when breaking down on the subject, it is clear that there is a mistake in this statement. When we elaborated the work, we tried to defend that illustrated literature is universal, and when the teacher seeks to involve the student in the process, understanding his life story and his particular tastes, the acceptance and participation of the student becomes positive. Some authors such as Colomer (2017) and Freire (2021), as well as other researchers on the themes worked on here, served as the basis for this discussion. Faced with these moments of research, the idea of producing an educational product in the form of a magazine unfolded, which can serve as a guide for teachers who want to know more about illustrated literature and its possibilities for Youth and Adult Education.

Keywords: Youth and Adult Education; Literature; Illustrated Literature;

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. Caracterização da EJA: breve histórico e legislação	9
3. O trabalho com a literatura na Educação de Jovens e Adultos	12
3.1 A literatura	12
3.2 Mediação de leitura e contação de histórias	14
3.3 Literatura ilustrada	16
4. Metodologia e procedimentos	18
4.1 Caracterização da escola	19
4.2 Relato de experiência: vivências com literatura e EJA	20
4.3 Apresentação do produto educacional	29
4.3.1 <i>O que é uma Revista?</i>	30
4.3.2 <i>Elementos que compõem a Revista</i>	30
5. Considerações finais	32
6. Referências bibliográficas	34

1. APRESENTAÇÃO

O ato de ler está intrínseco ao nosso dia a dia, desde ler um rótulo, placa, notícia em nossos aparelhos eletrônicos, receita, até uma bula médica. Todavia esse hábito é tido como automático, ou até banal. Após o avanço tecnológico, os jornais e revistas impressos caíram em desuso, a alta dos preços dos livros impressos também corrobora para a baixa demanda de leitura no país. O incentivo à leitura não sendo bem disseminado, acaba minando as novas gerações de leitores.

Para mim, Evilinn, a leitura tem um significado afetivo, quando criança ganhava da minha mãe gibis, histórias do sítio do pica-pau amarelo, ela lia algumas das histórias e até inventava outras, era o momento mais feliz do dia. Ela sempre incentivava a leitura. Chegando à adolescência, minha paixão por livros floresceu, em cada aniversário eu ganhava um livro, mesmo sem muito dinheiro, ela fazia questão de comprar livros para mim. Adentrando ao ensino médio conheci a biblioteca da minha nova escola e não saía sem um livro, foram dias, noites e madrugadas devorando páginas e capítulos até finalizá-los. A sensação que os livros me davam era de que eu não estava sozinha, que sempre teria companhia e que, apesar de não ser a mais inteligente, eu era a aluna e filha que valorizava a leitura, e isso pra mim e para a minha mãe sempre foi especial.

Quando eu, Érica, era criança, tive muita dificuldade com ortografia e esse problema se estendia junto ao meu crescimento. Depois da escola costumava ficar na casa do meu primo, e minha tia, professora, tentava fazer com que lêssemos Turma da Mônica, porém eu não me interessava. Um dia, fui até a caixa que ela tinha em um dos cômodos da casa, uma caixa cheia daqueles livros clássicos de romance, com ilustrações de casais em todas as capas e no meio destes livros havia um diferente, que me chamou atenção. Sua capa era dura, um castelo medieval em frente a um céu de nuvens rosadas, uma caravana vinha pequena e crescia até os dois cavaleiros mais à frente, cota de malha¹ e uma águia no braço. A imagem foi muito importante, mesmo com a dificuldade para ler um livro que não era da minha faixa etária, eu tentei ler aquele livro várias vezes, até que ao longo dos anos as palavras mais complexas começaram a fazer sentido. Comecei a procurar outras leituras, o que me ajudou com a ortografia, ampliou meu vocabulário e fez parte da minha vida até agora.

Por isso, eu, Érica, acredito que muitas outras pessoas tenham em sua memória um

¹ Artefato utilizado como proteção para o corpo, que consiste em uma série de entrelaçamentos de pequenas argolas de metal.

livro, um HQ, um mangá, uma revistinha, dentre vários outros, algo que marcou a sua vida como leitor. Até mesmo a ausência de momentos de leitura na infância e na adolescência diz muito sobre o leitor que você é hoje.

O livro *Contação de histórias: tradição, poética e interfaces* apresenta uma coletânea de ensaios sobre a contação de histórias em diferentes aspectos. Fabio Lisboa, em seu texto *Por que contar histórias para bebês, crianças e adultos: um novo paradigma para a humanidade*, começa com a seguinte frase: “Ao buscar respostas para a pergunta ‘por que contar histórias?’, vislumbramos a importância desse ato como um direito básico - que permitirá o acesso a outros direitos essenciais e universais - é importante para a formação de um novo paradigma para a humanidade” (LISBOA, 2019, p. 303), ele nos levanta a mesma discussão, a importância da contação de histórias como parte da tradição da comunicação humana.

A sala de aula é um ambiente de diversidade, no que tange às culturas, às raças, aos conhecimentos, sendo assim, nada mais comum que a partir dessas pluralidades ocorra o entendimento de que os estudantes sejam ouvidos e acolhidos. Na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, essa necessidade é essencial para o trabalho pedagógico, devido à trajetória desses estudantes, que são tidos como à margem, por não conseguirem efetuar seus estudos no tempo tido como certo.

A partir da experiência vivida no Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos - no curso de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília - *campus* São Sebastião, foi percebido que, apesar dos esforços da docente, as aulas ministradas ainda possuem caráter mecanizado. Ao longo dos dias observamos que nenhum livro foi escolhido para ser lido ou trabalhado em uma atividade. Houve a utilização de apostilas que tinham em seu conteúdo alguns textos, de caráter infantilizado, e alguns de teor jornalístico. Era recorrente a produção de textos, em uma delas a docente trouxe fotos dos estudantes e juntos produziram frases autobiográficas, que despertavam o sentimento de pertencimento da turma. A utilização das imagens dos estudantes para a produção textual e a escolha de cada um a respeito das frases que escreveram foi fundamental para promover momentos de protagonismo deles mesmos.

Durante a observação não participamos de nenhum momento de desenvolvimento de outros conhecimentos relacionados às artes, geografia, história e ciências. Evidenciamos que eles não tiveram poder de escolha sobre os textos lidos, as temáticas não lhe eram instigantes, raras eram as ilustrações dos textos trazidos. Observamos que, durante as aulas de Português, os momentos de leitura estavam voltados à decodificação do texto e à escrita de frases.

Diante disso, nosso problema de pesquisa foi fundamentado nessa narrativa, como trabalhar o livro ilustrado na Educação de Jovens e Adultos?

Objetivo geral:

Produzir uma revista para o professor de Educação de Jovens e Adultos que auxilie a mediação de leitura literária, a partir do livro ilustrado.

Objetivos específicos:

- Compreender o público da Educação de Jovens e Adultos;
- Examinar o uso da mediação de leitura e contação de histórias na Educação de Jovens e Adultos;
- Promover o livro ilustrado como literatura universal;
- Apresentar, a partir de um produto educacional em formato de Revista, um material para os professores da Educação de Jovens e Adultos que auxilie a inserção do livro ilustrado em sala de aula;

2. Caracterização da EJA: marcadores da alfabetização de jovens e adultos no Brasil

Ao longo da nossa história foi notável a emergência de políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos focadas especificamente aos processos de alfabetização, pois são muito recentes as reivindicações e conquistas dessa modalidade como direito à continuidade de estudos e acesso gratuito à Educação Básica.

Os portugueses, ao adentrarem ao Brasil, trouxeram sua cultura, sua religião e começaram o processo de alfabetização dos habitantes da região que até então não era dita como Brasil, iniciando assim a alfabetização jesuítica através da catequese.

A Lei Saraiva de 1881 é uma evidência legal da época em que era negado o direito ao voto das pessoas analfabetas, era o desenrolar de uma educação seletiva, discriminatória e excludente e, comprovando que a educação não era para todos, o Censo da República de 1890 registrou o índice de 82,6% de analfabetos no Brasil (LEÃO, 2012).

Somente anos depois, num contexto de desenvolvimento urbano-industrial, nacional e com o interesse no crescimento do número de eleitores, é que o tema entrou em pauta da nação por volta de 1920, surgindo o termo “erradicar o analfabetismo”, tornando a educação um critério em ascensão e como dever do estado (DISTRITO FEDERAL, 2014a).

Em 1925, com a Reforma João Luiz Alves (conhecida por Lei Rocha Vaz), Decreto Nº 16.782 A – de 13 de janeiro de 1925, surgiu o ensino noturno para jovens e adultos, em que o objetivo principal era atender o interesse de alfabetizados para votar, mas ainda não era um compromisso com a aprendizagem daqueles estudantes. A Constituição Federal de 1934 instituiu no país a obrigatoriedade de forma gratuita ao ensino primário para todos.

De acordo com o Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2014), no censo de 1960, o índice de analfabetos com mais de cinco anos de idade era de 46,7% no país. De acordo com o primeiro Censo de Brasília, aconteceu no mesmo ano, a população brasiliense girava em torno dos 140 mil habitantes, sendo 93% pessoas vindas de outros estados e o índice registrou 33,3% de analfabetismo, na população acima dos cinco anos. Nossa turma da Educação de Jovens e Adultos contava com estudantes oriundos do Maranhão, Bahia e Piauí e apenas uma estudante, a mais nova da turma, nascida em Brasília. Isso demonstra a pluralidade regional em que Brasília foi construída, principalmente por nordestinos.

Já no censo de 2000, o percentual de pessoas não alfabetizadas no DF caiu para 8,8% para os habitantes com 10 anos de idade ou mais, 5,2% para os de 5 anos ou mais. De 140 mil habitantes, a população se ampliou para os mais de 2 milhões em 2010, com cerca de 54% nascidos no DF e índice de 3,5% de pessoas não alfabetizadas (DISTRITO FEDERAL, 2014 apud IBGE, 2000).

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade dentro da educação, fazendo parte da seção V da Lei Nº 9.394 de 20 de fevereiro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - , onde ela é tratada a partir do Artigo 37 (p. 30-31), onde se afirma que:

“A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.”

Assim, se por qualquer motivo uma pessoa tiver que abandonar ou sair da escola durante o decorrer da idade regular para a conclusão da educação básica, essa pessoa pode retornar à escola por meio dessa modalidade. De acordo com a referida lei, para o ingresso no Ensino Fundamental, os estudantes precisam ter mais de 15 anos e, para o Ensino Médio, mais de 18 anos.

Dentro das suas especificações, a LDB quer assegurar que o ensino deve ser adequado e apropriado para a idade, sendo assim, contra o uso dos mesmos métodos utilizados para o público da alfabetização da Educação Infantil. Afirma também que serão consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, e isso quer dizer que os profissionais que atuam nessa modalidade devem adaptar as aulas para esse público-alvo.

Muito importante o ponto em que a LDB afirma não querer garantir somente o acesso à educação, mas também a permanência dessas pessoas, pois elas precisam na maioria das vezes conciliar o trabalho e os estudos, dentre outras especificidades que dificultam a permanência de muitos estudantes dividindo-se entre o sustento de casa, o cuidado com filhos ou entes queridos etc. Ao afirmar isto, a lei cita que essa permanência ocorrerá mediante ações integradas e complementares entre si, e por isso leva em consideração o ensino noturno para os trabalhadores.

O artigo 38º da lei supracitada menciona que “os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames”. São levados em consideração seus conhecimentos adquiridos durante sua trajetória de vida para obtenção dos certificados, desde que validados por meio formal expresso nos exames.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2014) são orientações importantes para o público em questão, pois contribuem para a formulação de projetos pedagógicos próprios e específicos para a modalidade, em que as características dos estudantes e sua realidade devem ser levadas em consideração, possibilitando, assim, o envolvimento do alunado nas práticas pedagógicas realizadas na escola.

O Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, 2014) é um documento que define as 20 metas a serem alcançadas em 10 anos, e a Educação de Jovens e Adultos está contemplada nas Meta 9 e 10. A primeira diz respeito à elevação da taxa de alfabetização e erradicação do analfabetismo: “Meta 9: “Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional”. A Meta 10 aborda a questão das matrículas: “Oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.”.

Apesar de ser um cenário animador, ainda estamos longe de atingir essas metas. O descumprimento de políticas públicas que assegurem os direitos da Educação de Jovens e

Adultos nesse cenário pode ser um dos fatores que perpetuam essas dificuldades a serem ultrapassadas.

3. O trabalho com a literatura na Educação de Jovens e Adultos

3.1 A literatura

Segundo Rafael Batista de Souza (2020), a relevância da literatura para o ser faz ligação com sua vivência

A literatura aponta sempre para o campo das potencialidades, para as potencialidades de realização do sujeito e para a inteligibilidade da vida. É uma forma de compreensão das ações e relações humanas, alicerçada no poder da criação e da imaginação. (SOUZA, 2020, p. 149).

Quando pensamos no público da Educação de Jovens e Adultos, nos deparamos com uma diversidade de sujeitos já constituídos, com suas personalidades formadas e gostos pessoais, porém isso não anula as potencialidades que ainda podem ser descobertas ao longo da vida do estudante, e precisamos ampliar seus horizontes e as perspectivas, apesar das características dessa modalidade, que são desafiadoras.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2021), Paulo Freire discorre sobre como os oprimidos se sentem sobre si mesmos, e como colocam as figuras que possuem mais poder como mais relevantes

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua "incapacidade". Falam de si como os que não sabem e do "doutor" como que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que a ele são impostos são os convencionais. (FREIRE, 2021, p. 69)

Instigar estudantes que chegam cansados do dia de trabalho, de suas rotinas exaustivas, desacreditados de sua capacidade, é tarefa árdua que o professor precisa enfrentar, sendo um desafio buscar meios que retirem esse estudante da inércia. A literatura como recurso/arma na construção cultural do ser pode ser a ferramenta de que carecem os estudantes, onde aqui relacionamos como oprimidos, podendo ser utilizada a partir das muitas funcionalidades da leitura, como explicitou Souza (2020), quando diz que a literatura está alicerçada no poder de criação e imaginação do ser.

A respeito da relação do professor e aluno, no livro *Ler antes de saber ler* (Carvalho; Baroukh, 2018), as autoras iniciam o texto tratando sobre a responsabilização que recai ao professor de escolher as leituras literárias, por motivos de uma obrigação advinda de si, ou uma demanda da instituição que o exige. Com essa afirmação podemos inferir a falta de participação no processo de leitura dos agentes mais beneficiados nessa atividade, os estudantes. Desvincular o aluno do processo atinge o seu interesse, e o desmotiva da atividade de leitura. O docente que trabalha na Educação de Jovens e Adultos necessita compreender o contexto sociocultural do aluno e desenvolver o seu planejamento diante da sua realidade. Cecília Yade Nogueira Alves Paniago (2020) aborda a temática da relação professor e aluno, vejamos:

Sabe-se que o público dos alunos que frequentam o EJA, são alunos com realidades diversas, que muitas vezes, priorizaram o trabalhar e deixaram os estudos. Assim, em um período longe das salas de aula, o professor deve ser sensível a uma relação que compreenda o contexto social e de vida do aluno. Na relação aluno - professor é importante que o aluno não seja tratado como uma criança grande. É importante levar em consideração a grande diversidade de idades, juntamente com as vivências dos alunos. Neste contexto, é fundamental levar em consideração as experiências de vida e adaptá-las para um maior aproveitamento e desenvolvimento nos estudos. (PANIAGO, 2020, p. 3).

Destaca-se a importância de compreender os conhecimentos dos alunos e valorizá-los como sujeitos relevantes para o processo educativo. A construção do ensino voltada para a valorização do estudante, neste caso na Educação de Jovens e Adultos, enriquece não apenas os conteúdos aplicados, mas também trabalha a autoestima dos alunos, fato esse que afeta direta e indiretamente o seu desenvolvimento e permanência na escola.

Em relação ao trabalho de literatura na Educação de Jovens e Adultos, Carla Iva Santos (2017) disserta

[...] Chamamos a atenção, porém, para um dos maiores problemas notados nesta modalidade educativa: a omissão da leitura, o não despertar, nos jovens e nos adultos, do gosto de ler, principalmente literatura. Omissão justificada provavelmente pelo fato de os conteúdos escolares estarem condensados, pois o conteúdo de dois anos é estudado em apenas um, com a premissa de que o tempo perdido pelo aluno precisa ser recuperado. A modalidade foca, portanto, em um tipo de leitura que decodifica textos e pretende levar o aluno, jovem ou idoso, a identificar um letreiro de ônibus ou uma marca de produto no mercado. (SANTOS, 2017, p. 118).

A leitura como lazer ainda é distante desse público, motivos diversos são apresentados para justificar. O propósito da leitura não pode ser direcionado à decodificação de códigos e mensagens do dia a dia, limitado a simplificar a vida do estudante nos encontros de pequenos textos e frases. Porque com essa prática, o professor não se envolve em trazer a literatura para

a sala de aula, sem fazer uso do lado estético da linguagem escrita e os mais prejudicados são os estudantes que carecem de literatura para o desenvolvimento e os demais benefícios envolvidos.

Freire (2021), ainda em *Pedagogia do Oprimido*, reforça a sensibilidade que é preciso ser adquirida para compreender que o sujeito oprimido é composto por visão de mundo, que abrange significativamente as diversas esferas da vida em que este ser faz parte. Ele afirma não sobrepor as vivências, mas que ocorra o diálogo de ambas visões de mundo.

“Nunca apenas dissertar sobre ela [a pessoa oprimida] e jamais doar-lhe conteúdo que pouco ou nada tenha a ver com seus anseios, com suas dúvidas, com suas esperanças, com seus temores. Temores de consciência oprimida. Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.” (FREIRE, 2021, p. 120).

Sendo assim, diante de tudo que foi exposto, compreendemos que a literatura possui em sua função a capacidade de desenvolver a imaginação e a criatividade, mas ela consegue ir além quando é voltada à superação de estigmas que, no caso da Educação de Jovens e Adultos, estão arraigadas ao contexto de vida desse público. Dessa forma, ela ultrapassa os muros da escola e atinge a sociedade como um todo, quando oportuniza desenvolver as potencialidades que o ser carrega dentro de si mesmo.

Acho que um dos argumentos também é o de que a literatura deve ser vista como um direito (Antonio Candido. O direito à literatura) e como patrimônio a ser compartilhado.

3.2 Mediação de leitura e contação de histórias

Costuma-se dizer que o mediador é a ponte entre o livro e a criança. Gostamos da imagem do mediador como um guia, que anda ao lado do pequeno leitor, entre os livros, promovendo situações de apreciação, fruição, escuta e diálogo. Os mediadores se colocam como presença que dá voz ao texto literário e dispõe seu olhar e escuta para convidar à interação e acolher as diferentes leituras. (ITAÚ, 2020, p. 13)

O documento *Guia de Mediação para Leitura* do Banco Itaú (ITAÚ, 2020) traz diversas considerações muito pertinentes para qualquer leitura que se faça de uma pessoa para outra, que levamos para além da relação com crianças. Cria-se uma relação entre a leitura, quem lê e para quem se está lendo, e durante esse momento o mediador tem a missão de conduzir aquele que escuta às diversas conexões que aquela leitura lhe desperta. Fruir, dentre significados, pode ser “desfrutar prazerosamente” e diálogo significa também “troca de ideias”, assim o mediador deve estar ciente de que está proporcionando um momento

significativo em que ele não é protagonista sozinho, deve estar atento e pronto para a interação.

Ainda conforme o *Guia de Mediação para a Leitura no Brasil* (ITAÚ, 2020), há um tópico sobre os pilares do mediador que se divide em três aspectos: a *Comunicação afetiva, postura empática e Contemplar, encantar-se e contagiar*. Comunicar, nesse caso, vai além da mera transmissão de uma mensagem, é sobre o olhar nos olhos, o tom de voz, escutar o que o outro quer falar e decifrar o livro conjuntamente, esses são os pontos para uma leitura cheia de afeto. A postura empática faz menção às lembranças que são despertadas nas crianças, e com adultos não seria diferente, exigindo do mediador nesse momento uma escuta verdadeira, atenciosa e consciente, contrário a apenas ouvir para poder seguir adiante. E por último o mediador deve estar aberto para se deslumbrar com as possibilidades também e gostar do que se lê, “[...] pois a literatura infantil é capaz de encantar não só o público infantil, mas também as crianças que fomos e os adultos que somos.” (ITAÚ, p. 14).

Ao pensar em mediação de leitura, principalmente do livro ilustrado, antes de conhecer mais profundamente esses dois conceitos podemos acabar pensando no mediador como um contador de histórias, porém existem algumas diferenças. Para a pergunta se mediação e contação são iguais, o *Guia de Mediação* responde que “Tecnicamente não. Na mediação de leitura, a presença do livro é indispensável. Além disso, a mediação não pressupõe improvisação nem mudança das palavras usadas pelo autor.” (p. 17).

E continua, sobre a mediação de leitura: "Valoriza o livro de literatura. Não altera o texto ou troca palavras; é fiel à obra literária [...]", ponto principal na divergência das características entre as duas, pois a contação de histórias é mais livre para aquele que transmite, podendo adaptar a história ao seu gosto pessoal, ou do jeito que ele ouviu e se lembra da história contada.

Nesse sentido o contador de histórias não costuma alterar o texto ou trocar palavras somente por acreditar que seus ouvintes não as compreendem ainda, procurando apenas facilitar o entendimento, por vezes suas alterações são relacionadas a sua memória e seu momento de personificação da história transmitida naquele momento, pois:

O narrador é como um ator que incorpora personagens. Mas entre eles percebemos algumas diferenças: o ator decora o texto e segue as instruções do diretor; o contador deve absorver, incorporar e transmitir a mensagem, mudar o texto de acordo com sua interação com a plateia. O contador apropria-se do texto, não o decora. Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo. Recorrer à

própria memória, poderá perceber o quanto existe de si e da sua trajetória nas personagens do conto. (Medeiros, 2015, apud Costa, 2015, p.30).

Como vemos, um não é melhor que o outro, tanto o trabalho de mediar quanto o trabalho de contar histórias têm suas especificidades, e devem atender aos momentos com os estudantes, que também variam. O que precisamos é entender como cada um funciona para criar nossa própria forma de narrar. Muitos professores preferem deixar o livro de lado e declamar a história de forma mais envolvente, outros mais tímidos, que não se identificam tanto com a elaboração de vozes e incorporação performática, seguem apenas com a leitura.

3.3 Literatura ilustrada

De acordo com Andrade (2013), a alfabetização escolar é muitas vezes voltada para palavras e deveria contemplar também a leitura imagética.

Colomer (2017) apresenta as primeiras informações que se tem a respeito do papel do ilustrador e suas evoluções ao longo dos anos na literatura ilustrada:

Ao longo da história da imagem combinou-se a função artística com o uso intencional de sua atração para instruir uma população analfabeta. É o caso, bem conhecido, dos capitéis e afrescos romanos, por exemplo. Esta segunda finalidade é a que marcou também sua incorporação inicial aos livros infantis em 1658 o pedagogo tcheco Comenius convencido da importância de mostrar informação de forma tangível, realizou o primeiro livro infantil ilustrado de conhecimento *El mundo en imágenes*". (COLOMER, 2017, p. 172).

A partir disso, a literatura ilustrada adentrou como uma ferramenta para auxiliar o processo de alfabetização, trespassando a palavra e a imagem, instigando o estudante a descobrir o mundo da leitura por meio da mediação de livros ilustrados. De acordo com Andrade (2013, p. 5), “o livro-ilustrado inaugura uma nova relação palavra/imagem, pois em uma obra desse gênero as imagens possuem o mesmo peso do texto, sendo o encontro dos dois códigos que confere sentido à obra.”

O livro ilustrado teve sua origem em meados do século XVIII, sendo a xilogravura a técnica predominante que permitia maior versatilidade de textos e imagens. No século XIX as técnicas de impressão se ampliaram de forma mecânica. John Henry Buford aprimorou o processo de cromolitografia, conseguindo até cinco cores em impressão. (RODRIGUES, 2015).

Conforme a ilustração dos livros foi se transformando, o papel do ilustrador se tornou mais relevante. Antigamente a ilustração era uma mera representação dos acontecimentos

descritos na história. Atualmente ela se encontra como uma parte do texto, senão o próprio texto.

Ao adentrar a sala de aula com livros físicos, criamos um espaço de interação com o objeto que permite enriquecer o momento de mediação, vai se criando um espaço de descoberta, onde o aluno passa a escutar a história e visualizá-la por meio das ilustrações que o livro possui.

Fleck (2016) explica que:

[...] Por suas especificidades, o livro ilustrado permite uma atenção ao objeto livro em sua plenitude, como objeto artístico. Por ser múltiplo e oferecer diversas possibilidades de interação e leitura, trata-se de excelente instrumento para mediação. É bom lembrar que no livro Ilustrado a imagem não é mero apêndice, é também um texto – visual- mas paralelo ao verbal. (FLECK, 2016, p. 204).

Existe uma afirmação de que os livros infantis e infantojuvenis são literatura, como afirma Colomer (2017).

[...] Aqui se sustenta que a literatura para crianças e jovens deve ser, e ser vista, como literatura, e que as principais funções desses textos podem se resumir a três:

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade
2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.
3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (COLOMER, 2017, p. 19).

Na citação acima, a autora apresenta as três funções da literatura, inicialmente discorre sobre os primeiros contatos que o estudante tem da cultura e da arte, tanto relacionado ao grupo social ao qual pertence quanto relacionado ao conhecimento de outras culturas. Logo após, discorre sobre os benefícios relacionados à fala e à oralidade, diante da apresentação de diferentes textos literários. E por fim, trata sobre as relações humanas que a literatura oportuniza diante da representação da sociedade, sejam elas crenças, preconceitos ou normas.

A literatura possui a capacidade de elevar o leitor a esferas que cruzam a barreira da sala de aula. A leitura oportuniza aprendizados em meio social, desenvolve a imaginação e criatividade, incentiva o aluno a descobrir de forma segura a resolução dos mistérios da vida. A literatura inicialmente não tem uma função educacional, mas pode ser uma ferramenta auxiliadora da função social educativa que a escola possui, ou seja, não tem o intuito de

preparar estudantes aos conteúdos e ao mercado de trabalho, ela fornece aprendizados que guiarão os cidadãos a serem mais críticos e responsáveis diante das suas ações.

Colomer (2017) cita em seu livro *Introdução à literatura infantil e juvenil atual* que “os livros ajudam a saber que as imagens e as palavras representam o mundo real” (p. 31-32). A representação do mundo real humaniza o processo de integrar a literatura dentro do ambiente escolar, porém o mundo real não é feito só de coisas boas, ou até mesmo o mundo real de outra pessoa pode ser imposto a outras. No começo da sua apresentação, *O perigo de uma história única*, no programa *TED Talk*, em 2009, Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, relata sua iniciação precoce no mundo da leitura e do acesso aos livros infantis britânicos e americanos que teve. A partir dessas leituras, ela costumava criar personagens brancos de olhos azuis, que brincavam na neve, falavam sobre o tempo e bebiam cerveja de gengibre. E essa era a única realidade que os livros tinham para ela. As coisas só mudaram quando ela teve contato com a literatura africana (que não era fácil de encontrar como as estrangeiras). Ela sofreu uma grande transformação mental da percepção de literatura que tinha. Pessoas como ela, e coisas com as quais ela podia se identificar, passaram a existir na literatura. Ela afirma: “Então, o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são”. Ela não tira o valor das histórias estrangeiras na sua vida, pois proporcionam imaginação e abriram sua visão para outros mundo, entretanto destaca como é crucial não se limitar à visão que outros lhe transferem sobre algo.

Júlia Vieira Correia (2020) dialoga a respeito de uma dificuldade de encontrar literatura direcionada a públicos mais maduros e comenta sobre a limitação nesse âmbito em relação à rotulação de gêneros literários. Ele afirma ainda sobre a possibilidade de um livro tocar diferentes públicos:

[...] Se for um jovem, um adulto ou um idoso, há carência de opções. Talvez até existam materiais, porém é bem provável que não os estejamos vendo, visto que os rótulos “literatura infantil” e “literatura infantojuvenil” e o tratamento desses apenas como tal muitas vezes impedem que uma obra, carregada de potência literária, atinja todos os públicos possíveis. Sim, podem coexistir diversos públicos para um mesmo livro e isso em nada prejudica o objeto literário. (CORREIA, 2020, p. 13)..

Ao procurar livros para apresentar ao público, é necessário compreender a quem ele será destinado e qual a sua função dentro do objetivo geral, para que se busque criar vínculos com os alunos com auxílio da leitura e para possibilitar a identificação com temas que conectem o aluno à narrativa abordada.

4. Metodologia e procedimentos

4.1 Caracterização da escola

O Centro Educacional São Bartolomeu, instituição pública do Distrito Federal, localizado em São Sebastião, foi criado com o objetivo de suprir a necessidade de escolas nesta região administrativa. Iniciou com a oferta do Ensino Fundamental, todavia ampliou-se para Ensino Médio devido à carência dessa etapa na comunidade. Em decorrência desse evento, houve a perda de espaços importantes para a escola, para que fossem criadas três salas de aula, locais como a biblioteca foram perdidos, por exemplo.

A oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se dá a partir do ano de 2007, juntamente com a abertura da escola, com aulas presenciais, de caráter semestral. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (2021, p. 19), a modalidade é organizada da seguinte maneira:

- 1º segmento: multisseriação², 1ª, 2ª etapa e 3ª e 4ª etapa;
- 2º segmento: 5ª, 6ª, 7ª e 8ª etapas;
- 3º segmento: 1ª, 2ª e 3ª etapas.

A experiência dentro de sala de aula, por meio do Estágio Supervisionado para a Educação de Jovens e Adultos foi realizada no 1º segmento, 1ª e 2ª etapas. Devido à Covid 19, as salas de aulas foram compactadas. O corpo docente é formado por duas professoras, é aplicado o processo de alfabetização de segunda à quarta-feira por uma professora regente, já nas quintas e sextas-feiras é introduzido o conhecimento matemático por outra professora.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, para a Educação de Jovens e Adultos existem as Oficinas Pedagógicas que são realizadas com os estudantes ao longo de cada semestre letivo desde o ano de 2010, os temas trabalhados são dados de acordo com o calendário escolar diante de um debate, buscando conhecer e compreender a realidade do alunado. As Oficinas Pedagógicas realizadas com as turmas são avaliadas pelos professores. Todavia, o foco principal não se resume às notas. Em conversa informal com a professora de língua Portuguesa, foi relatado sobre as oficinas: “Nós temos o projeto: Nossas histórias,

² Uma organização de ensino em que o docente rege uma turma com várias séries e alunos com diferentes idades e níveis de aprendizado.

nossas vitórias e o projeto de leitura voltado para a realidade deles”. Durante a nossa permanência na sala de aula não presenciamos as execuções desses projetos.

4.2 Relato de experiência: vivências com literatura e EJA

As experiências vividas dentro de sala de aula por meio do Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos oportunizaram às autoras colocar em prática a pesquisa que dará direção ao produto educacional desse trabalho. O momento da pesquisa de campo/observação foi dividido em duas partes: a primeira no começo do ano letivo, no Estágio Supervisionado, e a segunda uma visita meses depois, já no final do ano letivo.

Primeiramente, ao adentrarmos no 1º segmento, 1ª e 2ª etapas, tivemos o vislumbre de uma sala heterogênea, formada em sua maioria por estudantes com seus 40 a 60 anos de idade, e somente uma aluna com 25 anos. Sendo assim, os mais velhos eram os que tinham mais dificuldades no processo de alfabetização, os outros mais jovens se dividiam entre alfabetizados e com dificuldades pontuais em escrita e interpretação. Nossa turma da Educação de Jovens e Adultos contava com apenas uma estudante, nascida na capital e os demais estudantes oriundos de outros Estados.

Logo foi percebida a carência de literatura dentro de sala de aula, nos dias em que estivemos presentes não foram trazidos livros e os textos abordados em aula possuíam teor infantil ou caráter jornalístico. Diante dessa observação, foram planejadas regências que trouxessem literatura para esses alunos. Um dos nossos objetivos era fazer os estudantes da Educação de Jovens e Adultos terem esse contato com livros literários, um material ao qual, infelizmente, eles não têm acesso dentro da própria escola.

Por intermédio do Estágio, foi possível uma proximidade maior com os estudantes, entre a execução das atividades dialogamos sobre o dia a dia, eles relataram as dificuldades de serem pessoas que não sabem ler no mundo da tecnologia e das suas dificuldades na juventude que os levaram ao abandono escolar. Diante dessas conversas, transcorreu-se a primeira ideia de apresentar aos alunos textos literários que passassem a sensação de reconhecimento. A ideia era trazer histórias em que eles se imaginassem fazendo parte, que relembressem de momentos da vida, além de oportunizar diálogos, trocas de conhecimento e afeto no ambiente da Educação de Jovens e Adultos. A seleção de livros foi feita com auxílio da nossa coorientadora, com o acervo da ludoteca.

Cada estudante, em um momento, pode pegar os livros em mãos. Havia um certo receio no toque, talvez um medo de danificar o objeto incomum a eles. Ao passarem as páginas, surgiram alguns comentários como “esse objeto aqui eu conheço”, relacionado a uma máquina de costura, ou “ esse espelho com a borda laranja tem na minha casa”, e também “já morei na infância numa casa de pau a pique”. Frases que corroboram com nossa intencionalidade de levar livros que fizessem com que os estudantes de alguma forma se reconhecessem na narrativa e se relacionassem com as narrativas uns dos outros, pois geralmente eles se sentam em seus lugares, cada grupo em um canto, todos frente ao quadro, de maneira que os momentos de roda, de troca e de provocações coletivas são necessários para romper com esta estrutura tão rígida.

No primeiro dia de regência levamos dois livros. *Os Tapajós*, escrito e ilustrado por Fernando Vilela, que narra uma aventura dos irmãos Cauã e Inauê, que vivem numa cidade no Pará, em cenário rico em beleza natural, às margens do rio Jari que faz ligação entre o rio Amazonas e o rio Tapajós. O segundo livro que apresentamos aos estudantes foi *Os contos dos irmãos Grimm*, lemos o conto da Branca de Neve, de tantas versões que existem hoje, achamos que seria interessante trazer um dos registros originais deste conto de fadas clássico.

Antes de realizar a leitura, preparamos a sala em semicírculo, por ser uma sala muito cheia de carteiras não havia possibilidade de fazer um círculo. Apenas onze estudantes estavam presentes durante a aula. A professora nos ajudou com aqueles alunos que gostam de ficar mais ao fundo da sala, convidando-os carinhosamente a ficar na roda.

Iniciamos a regência nos apresentando e comentando que a aula seria um pouco diferente naquela noite. Evilinn fez a leitura do livro *Os Tapajós* de pé e a cada página transitava no meio do círculo mostrando as ilustrações. Propomos um momento de debate após as leituras e depois uma atividade mais relacionada com a temática da leitura ou o tipo de ilustração também. Durante o debate a participação foi muito ativa. Anotamos várias palavras das falas da turma para fazer um mapa mental, porém não deu tempo de trabalhar essas palavras. Elas foram: SAUDADE, CONSTRUÇÃO FAMILIAR, INFÂNCIA , MUDANÇA, LUTA, PESCA, PILAR, CASA DE PALHA , CASA DE PAU A PIQUE, INTERIOR. Foi durante essa atividade que descobrimos as regiões do país de onde nossos estudantes vinham, como foi dito anteriormente. Durante o debate uma das estudantes disse “essa história me fez lembrar da minha infância, da época que eu morava no Maranhão, íamos pra roça, a gente ia pro rio pescar, eu achava que a vida era ruim naquele tempo, mas hoje sinto falta”. Observamos que a história conseguiu trazer memórias da infância, por meio da identificação com a temática do livro.

A história tocou muito na saudade que eles têm do interior, de uma vida “mais simples”, como eles dizem. As mulheres da turma lembraram da época em que pilavam farinha para o consumo dos homens trabalhadores da região. Foram levantadas memórias de quando construíam a casa de palha com a família, sobre poder ir ao rio com frequência pescar e o sofrimento de deixar a terra para vir para a capital por uma “vida melhor”. Durante os momentos em que puderam falar sobre infância (pois os dois protagonistas da história são crianças), muitos disseram que não tiveram quem contasse histórias a eles. Um dos dois homens da turma disse que o pai não apoiava os estudos, era uma época em que era preciso trabalhar desde novo, nos marcou a frase em que o pai dizia “O lápis é a enxada”. Nesse momento, uma das colegas comentou que também ouviu muito esse ditado.

No segundo momento, lemos a versão mais antiga registrada da Branca de Neve. Fizemos várias observações muito interessantes sobre a diferença do conto original e toda a romantização que existe nas histórias que se derivaram dela. Ao decorrer da leitura, os estudantes ficaram surpresos e comentaram sobre as partes em que achavam mais fora do comum, como a falta do beijo para que Branca de Neve despertasse, o motivo da sua ressuscitação, a justificativa que o corpo caiu do esquife e ela colocou o pedaço da maçã que a havia feito engasgar para fora. Outros aspectos que lhes chamaram a atenção foram as partes em que a rainha quis comer seu fígado e pulmão, não o coração; o espelho tinha muito mais participação, e parecia ser muito mais “dedo duro”; e o fato de terem sido três tentativas diferentes de matar a branca de neve. A parte em que a Branca de Neve se propôs a fazer as tarefas de casa provocou incômodo também, uma das alunas chegou a comentar “a coitada já não tava bem com a madrasta, e aí os anões ainda querem escravizar ela”. Eles também notaram o ofício dos anões que é a mineração. Novamente anotamos as palavras que a turma gerava no debate, como: BEIJO, MALDADE, INVEJA, FÍGADO, PULMÕES, ESPELHO, MAÇÃ. Uma das alunas fez uma ligação entre a história e uma reportagem que viu em um jornal a respeito de uma madrasta que tinha matado seus enteados por inveja. Os estudantes relataram seus casos de violência em família e trabalho e, apesar de serem assuntos delicados, eles se sentiram acolhidos para relatar as suas vivências de vida em um momento de leitura.

Durante a regência do dia 20 de junho, eu, Erica, já estava bem familiarizada com a turma e eles comigo, queria ter a confiança deles e que eles se sentissem livres para falar comigo, coisa que eu ainda não tinha durante a regência da Evilinn, pois ela havia começado o estágio um pouco antes e durante a regência dela escolhi ficar apenas auxiliando, pois não tinha intimidade com a turma ainda. Essa convivência estabelecida foi muito boa para o dia da

minha regência. Formei o círculo (que devido ao espaço da sala e o tamanho das carteiras ficou em forma de U).

Foi feita a leitura do livro *Lampião e Lancelote* com um pouco de nervosismo, tentei ser um pouco eloquente e destacar a parte do diálogo entre os dois personagens, as ilustrações feitas em gravura que são bem cheias de informações, tentei falar um pouco sobre isso. Também me deparei com algo que mostra um pouco da minha realidade com a deles e com a nossa, eu tenho uma paixão por histórias medievais e esse período histórico tão difundido na fantasia da literatura, do cinema e da animação faz parte do meu imaginário desde a tenra infância, foi importante para mim falar sobre a roupa de um cavaleiro medieval e o formato de um castelo, já que são a parte do livro que fica mais distante da realidade da turma, que alguns nunca ouviram falar e o próprio livro ajuda, já que Fernando Vilela, o autor ilustrador, teve o cuidado de colar ao final do livro algumas imagens tanto da xilogravura do cordel quanto das imagens medievais. O livro é escrito em prosa e em versos, trazendo elementos cordelistas e de sextilhas unidos, apresenta um glossário no final com palavras como FAÇANHA, ENTOCAR, ARRIBAR, XAXADO. O texto e as ilustrações fornecem mais informações sobre a construção da história e os elementos que a compõem.

Após a leitura, conversamos um pouco sobre a história, o próprio livro fala que Lampião foi para muitos um herói, para muitos um bandido, e essa discussão ficou um pouco presente entre a turma. Quando Lampião e Lancelote estão prestes a brigar e seus homens também, acontece de todos rirem e Lampião desafiar Lancelote para uma dança, segue o trecho da música:

“ oiê muié rendera...
oiê muié rendá
tu me ensina a fazê renda
que eu te ensino a namorá”

Uma das estudantes cantou comigo baixo e os estudantes gostaram muito que a história acabou em festa e em dança, não estavam querendo saber quem mataria quem. As partes que falam do sertão também remetem àquela lembrança da terra natal, da seca vivida.

Comecei a parte da atividade perguntando a eles sobre o que são rimas, escrevi umas palavras no quadro e dei um exemplo de rima e pedi que me dessem outros, e alguns responderam, foi difícil, pois estava sozinha em sala e a cada rima que eles encontravam no exercício eu ia até o quadro para escrever com letras caixa alta, riscando as letras correspondentes à rima: CANGACEIRO e CAVALEIRO, SERTÃO e REBELIÃO, CHITA e

FITA, TROTE e XOTE, VALOR e TRABALHADOR etc. Então circulava por toda a sala, ajudando-os.

Quando todos terminaram a atividade, a professora pediu que eles dissessem um por um o que acharam da aula. Foi emocionante os desejos que eles direcionaram a mim: que eu continuasse assim, que eu merecia todo sucesso do mundo, que foi muito importante para eles que não fiquei só a frente na sala, que circulei e os ajudei, foi significativo a letra bem grande feita no quadro todo nas vezes que escrevi, também me encorajaram a não ficar nervosa, que eu já era uma professora excelente para eles.

Segundo Afonso (2014) cada pessoa que escuta determinada história reage diferente a ela, pois cada ser é portador de experiências distintas, sendo assim, o momento é único para todos:

[...] Cada ouvinte pode perceber aspectos e ter emoções diferenciadas ao ouvir histórias, pois a percepção de cada um depende das experiências vivenciadas por eles. É preciso remexer com a memória, buscar referências para a partir delas construir sua compreensão e proximidade com a narrativa. (AFONSO,2014, p. 2).

Diante dessa afirmação e da vivência na Educação de Jovens Adultos, podemos inferir que, ao trazermos leituras que de alguma forma tenham uma conexão com o aluno, podemos reavivar diferentes sentimentos, e com esse público em especial a ação se torna mais significativa, devido a sua diversidade, histórico de apagamento e negligência que esses estudantes passaram na vida.

O resgate ao passado foi um dos pontos que marcou as leituras e fez com que os estudantes apreciassem a leitura e de alguma forma se sentissem os protagonistas da história, por meio desse resgate.

Passados alguns meses desde o fim do Estágio feito no Centro Educacional São Bartolomeu, retornamos à sala de aula e, para nossa surpresa, nos deparamos com a turma com apenas duas alunas. Semanas antes de irmos à escola conversamos com as professoras sobre como estava a sala, para nos situarmos um pouco ao novo cenário, ambas disseram que a turma tinha diminuído bastante, e notamos a defasagem se mostrando forte na Educação de Jovens e Adultos. Escolhemos o dia da aula de matemática, um dia em que menos estudantes vão à aula, o que explica a presença de apenas duas alunas. Optamos por fazer a pesquisa, apesar do cenário desanimador.

Nos apresentamos novamente, sentamos de frente para elas, que se mostraram um pouco acanhadas no começo. Relembramos os momentos vividos no começo do ano e perguntamos como foi o ano letivo, uma das alunas disse “estamos aqui na luta, tentando

aprender, aprendendo um pouquinho”, e continuou “a professora, graças a Deus, tem muita paciência com a gente que não sabe de nada”, a frase da aluna remete a uma problemática insistente na Educação de Jovens e Adultos, a autoestima baixa.

Uma das novidades que as estudantes nos contaram foi a inserção do livro didático, nele os estudantes podem escrever as respostas das respectivas atividades, ele possui algumas ilustrações, nada muito elaborado, e possui pequenos textos de histórias e poesias. As estudantes relataram que durante todo esse ano os únicos textos apresentados a elas foram retirados do livro didático, o que para nós foi uma surpresa.

Entendendo melhor o cenário, compreende-se que existe uma falta nesse ensino, uma turma que era pequena, tornou-se menor, as alunas relatam que pouco aprenderam e a autoestima mostrando-se baixa.

Como afirma Cooper (2018), a autoestima dos estudantes dentro de sala de aula está alinhada aos conteúdos e materiais que são estudados, não ocorrendo uma identificação, o processo educacional acaba por ser banalizado com narrativas vazias e desinteressantes, prejudicando alunos e docentes no decorrer do ensino e destaca que

Entende-se que, os conteúdos que são vistos nos ambientes escolares não têm sucedido em artifício de ânimo para os educandos, pois não fazem elo com seus acontecimentos cotidianos. O educando não se relaciona muito bem com a escola e a autoestima baixada desses sujeitos tem equivalido a um certo fator preponderante à desmotivação, tanto de educandos, como de educadores, que também se jazem fracassados com os resultados obtidos. (COOPER, 2018, p. 18-19).

A evasão na Educação de Jovens e Adultos é uma realidade que assola a modalidade e possui mais de uma justificativa, a citada acima fomenta uma crise no ensino, o esvaziamento de sentido nas aulas, conteúdos e materiais. Os estudantes não se sentem validados, não conseguem efetivar a aprendizagem, e optam por desistir de algo que a eles "não está servindo de nada”.

Zilberman, em uma entrevista disponibilizada no Youtube em 2021, destaca que “a identificação é o que aciona o processo da leitura, nós lemos, gostamos, simpatizamos e guardamos na memória quando nos identificamos”.

A importância da identificação na leitura é uma das estratégias que os docentes devem utilizar para que o processo de ensino e aprendizagem seja concluído, o professor deve assumir o papel de mediador. Guedes (2007) apresenta a relevância dos professores no processo de inserimento de literatura:

[...] para um bom andamento do processo da formação de leitor na EJA é necessário que o professor faça uma adequação do conteúdo exigido ao interesse desse aluno,

pois se partimos das suas preferências temáticas, o processo de leitura passa a ser conduzido de forma mais dinâmica, de modo a levar o leitor não só para a leitura dos textos, mas também para uma leitura apoiada em conhecimento de vida, cotidiano, de mundo que o aluno dessa modalidade de ensino conhece muito bem. (GUEDES, 2007, p. 4).

Uma das alternativas que o autor cita é a adaptação dos conteúdos para a realidade do estudante, então propusemos em nosso trabalho com esse público, por meio de diálogos, pesquisa de campo e aplicação de questionário, uma investigação de seus gostos e suas histórias de vida, para que assim pudéssemos trazer histórias significativas para o processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos

Ao elaborar novas propostas de leituras e atividades para o retorno à sala da Educação de Jovens e Adultos, percebemos que seria bom ter um registro das impressões que deixamos e saber a opinião pessoal e sincera de cada um sobre a sua percepção a respeito da leitura, das histórias e da ilustração. Elaboramos o questionário com perguntas subjetivas e uma pergunta objetiva, para que marcassem o grau de relevância que uma ideia tem para eles. Levamos o questionário de forma impressa e aplicamos com as alunas.

Abaixo segue o quadro com os dados do questionário, que foi aplicado no segundo momento de pesquisa em sala de aula:

Quadro 1 - Questionário com questões abertas

Perguntas do questionário	Respostas da Aluna I	Respostas da Aluna II
O que você acha dos momentos de leitura?	“Acho bom.”	“Bom.”
Vocês tiveram outros momentos de leitura de histórias depois dos nossos encontros?	“Tivemos no livro didático.”	“Sim, do livro.”
	“Gosto de assistir	“Desenhos com meus

Qual tipo de histórias você mais gosta de ouvir?	televisão, com paisagens, natureza, igual a novela pantanal.”	netos. As paisagens também.”
Qual tipo de história você não gosta de ouvir?	"Histórias falsas, quando aumentam a história, repetindo o mesmo assunto também e os noticiários de coisas ruins.”	(Concordou com a colega.)
Você tem histórias de infância e da juventude que gostaria de registrar?	“Eu gostaria de contar toda a minha história de vida, não tive infância, sempre fui criada por outros e sempre precisei trabalhar.”	“Sim, é importante, eu fui ter infância aqui, na volta à escola.”

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A segunda parte do questionário aplicado com as alunas aborda questões relacionadas à leitura, a história de vida delas e de seus colegas, elaboração de atividades e sua importância de forma objetiva o grau de relevância que cada questão tem para elas.

Quadro 2 - Questionário com questões objetivas

Avalie as afirmações abaixo considerando os critérios de 1 a 4: (4) muito importante (3) Importante (2) Pouco importante (1) Sem importância
a) Ler livros que tenham a ver com a minha realidade e minha experiência de vida. 1 () 2 () 3 () 4 (x)
b) Conhecer a história de vida e as histórias dos meus colegas. 1 () 2 () 3 (x) 4 ()
c) Compartilhar minhas histórias e experiências de vida. 1 () 2 () 3 () 4 (x)
d) Conversar sobre as ilustrações das histórias lidas. 1 () 2 () 3 (x) 4 (x)
e) Fazer atividades artísticas, artesanais e manuais a partir das leituras.

1 () 2 () 3 (x) 4 ()
f) Relacionar as leituras com o que aprendemos na escola.
1 () 2 () 3 (x) 4 ()

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Importante lembrar de alguns comentários feitos durante a marcação objetiva do questionário, a estudante II respondeu que nunca foi de desenhar e que não tem tanto gosto assim, todavia ela tem um neto que desenha muito bem e que ela está sempre incentivando a desenhar, ou seja, mesmo que ela não tenha tido contato com o desenho ao longo da sua vida, ela não deixa de reconhecer seu valor, e sobre compartilhar suas histórias ela respondeu “É bom, tirar um pouco de dentro para fora”. Após avaliar o questionário, percebe-se que os estudantes acreditam na importância da leitura. Todavia, com o cenário da sala de aula que adotamos, elas não chegam de fato a ter o acesso à literatura ligada ao prazer, aos estudantes ficam reservados as leituras de textos das apostilas e do famigerado livro didático.

Após concluirmos a aplicação do questionário, apresentamos alguns livros às alunas presentes. O primeiro *Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco*, narrando a história do sobrinho Edinho que relata a admiração que tem pela profissão de seu tio, que é costureiro. Ele almeja ser igual a seu tio. Quando fomos mediar a leitura ficamos de frente a elas e sempre dando enfoque nas ilustrações, uma das alunas ao ver uma máquina de costura disse “disso aqui eu entendo”, quando viu o personagem fazendo a barba em frente a um espelho de borda laranja falou “tenho um igual a esse em casa”.

A princípio realizaríamos a leitura de dois livros que as estudantes escolhessem, porém, enquanto uma das estudantes folheava o livro *A grande fábrica de palavras*, explicamos que se tratava de uma história em que os ricos obtinham mais palavras e por isso falavam mais, enquanto os pobres não tinham acesso às palavras, às vezes catavam palavras descartadas no lixo e uma das estudantes observou falando “até na história tem injustiça”. Então decidimos lê-lo também e aplicar a ideia de atividade que preparamos a partir da sua temática. Depois do debate aplicamos a atividade do Pote de Palavras, que consiste em um pote simples onde colocamos as palavras recortadas e dobradas: sonho, coragem, gratidão, união, mágoa, amor, fé, diversão, medo, criança, idoso, tempo, existir, solidão e força.

A primeira estudante tirou a palavra Fé, o que fez ela pensar em como a fé é importante na vida e para manter-se firme e seguir, apesar das dificuldades. Foi muito legal

ela ter falado sobre a fé em forma de desejo para as outras pessoas, de desejar coisas boas para as pessoas queridas.

A segunda estudante tirou a palavra Sonho. Antes desse momento ela havia falado durante as nossas conversas que o sonho dela era saber ler e escrever, então, quando ela tirou essa palavra foi muito emocionante, falou que viveu muitas coisas que ela não tinha vivido na infância e na vida nesse momento de volta à escola.

Uma de nós tirou a palavra União e o primeiro pensamento que lhe veio foi o filho pequeno. Como a maternidade afasta as pessoas da mãe recém-nascida. A professora regente também foi convidada a participar, ela tirou a palavra Coragem. Falou como foi significativa a nossa presença ali naquele dia, revelando que nos ver renovou um pouco de suas esperanças e sua energia com o trabalho. Ela também falou sobre as dificuldades e como às vezes é cansativo, e ver pessoas que estão procurando fazer o melhor trabalho possível é muito importante.

A outra de nós tirou a palavra Tempo. E o tempo tem um peso muito grande. Depois de muitos anos sofrendo com a imposição do tempo que a sociedade coloca na gente, principalmente em nós mulheres, pois é como se tivéssemos prazos de validade para tudo: para ser estudante, para ter carro, para ter a casa própria, para se casar, para ser mãe etc. Depois de passar muito tempo sofrendo com o tempo por ser uma estudante um pouco mais velha do que os outros, descobri que “nós fazemos o nosso tempo” e a Educação de Jovens e Adultos contribuiu muito para isso, ver as minhas colegas senhoras da pedagogia e ver os estudantes idosos da Educação de Jovens e Adultos ávidos por aprender mudou a minha visão de tempo.

4.3 Apresentação do produto educacional

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é desenvolvermos um produto educacional no formato de revista, que visa auxiliar educadores da modalidade de Educação de Jovens e Adultos a inserir a Literatura Ilustrada como ferramenta para a prática educacional, que seja informativa, mas também um entretenimento para instigar professores a se aprofundarem mais no assunto da literatura ilustrada.

Ao ingressarmos no Estágio de Educação de Jovens e Adultos, observamos a carência de literatura em geral, diante disso fomos imaginando os benefícios de desenvolver um

projeto que proporcionasse a entrada de livros em sala de aula e que gerasse debates, atividades e oficinas, por meio do livro ilustrado.

Idealizamos uma revista que se aproximasse das possibilidades artísticas e plasticidade que uma Zine tem em seu formato e que fugisse do que se tem normalmente como produto educacional, em seus formatos rígidos, nos cursos de graduação. Pensamos naqueles educadores que são fãs de desenho animado, de literatura, seja do clássico ao mangá por exemplo, ou que tenham curiosidade de conhecer mais e que buscam possibilidades de trazer outras vertentes artísticas para seus educandos. Que gostariam de proporcionar experiências diferenciadas e descobrir junto aos estudantes o que eles gostaram ou não nesses formatos.

A partir disso, o título escolhido para a revista foi *REVISTA PASSEIOS - LITERATURA ILUSTRADA COMO ENSINO E APRENDIZAGEM PARA A EJA*, para trazer uma identificação. Ela foi organizada de modo a servir como guia para orientar o docente, quando o mesmo estiver buscando formas de inserir o processo de leitura com questionários diagnósticos, seleção de livros e atividades após a mesma. A revista divide-se em tópicos, que são capa, sumário, apresentação, defesa da relevância da literatura ilustrada na EJA, mediação de leitura e contação de histórias, o trabalho do ilustrador, sugestões de livros, propostas de atividades, oficinas e por fim as referências.

Os educadores podem recorrer à revista a partir de suas necessidades específicas, quando não estiverem conseguindo compreender as demandas de seus alunos em relação às leituras, na escolha de livros e atividades para executar que oportunizem o desenvolvimento da aula que estiverem planejando. Ela pode ser utilizada tanto em sua forma impressa quanto digital, tudo dependerá das possibilidades dos docentes.

4.3.1 O que é uma Revista?

Uma revista é caracterizada como material impresso que é editada de forma contínua, de cunho informativo seja para o jornalismo, entretenimento, de diferentes interesses. O seu público pode ser desde o feminino, masculino, infantil, e no caso, esse produto dirige-se aos educadores da Educação de Jovens e Adultos, para informar e guiar os docentes na prática educacional voltada à leitura.

4.3.2 Elementos que compõem a Revista

A capa da revista é composta pelo nome da revista, *Revista Passeios, literatura ilustrada como ensino e aprendizagem para a EJA*, veio de uma inspiração dos próprios livros que sugerimos na revista, nessa edição passeamos pela arte da literatura e da ilustração juntas. Seu título e imagens compõem uma colagem digital feita na plataforma *Canva*. Alguns dos elementos, assim como o título, fazem referência aos livros sugeridos que lemos com a turma, imagens como: bolo, máquina de costura e o próprio livro com o símbolo do poder ao povo. Desenvolvemos colagens diferentes para cada tópico da revista, usando imagens e elementos digitais que remetem à colagem manual, procuramos usar cores pastéis e deixar as páginas menos saturadas de informações, para dar um tom equilibrado com informações nítidas para quem lê. Não deixamos de fora também porque esses elementos representam ao mesmo tempo a nossa experiência e o nosso íntimo.

A contracapa apresenta um fundo feito de colagens, em sua maioria de tons terrosos, nela está a frase do filme *Matilda* (1996).

O sumário procura elencar de forma concisa os tópicos e subtópicos da revista, de forma que fique clara e expositiva a quem lê o material.

Há uma apresentação que aborda a intencionalidade da criação da revista, como desenvolveu-se a ideia diante das vivências dentro da sala de aula da EJA. Explica de forma breve como divide-se a revista, e nossas expectativas a respeito dela. Ao final ela discorre brevemente sobre as autoras, com fotos das duas.

No primeiro tópico trazemos a relevância da literatura ilustrada na Educação de Jovens e Adultos, abordamos mais uma vez a nossa experiência com a EJA, o cenário e suas carências em relação à literatura. Reforçamos os benefícios da literatura ilustrada para a alfabetização, quando se alinha à palavra-imagem. Para finalizar, abordamos a problemática da infantilização na modalidade e como não cair nesse erro ao trazer a literatura.

No segundo tópico discutimos a respeito da mediação e a contação de história, levantamos os seus respectivos diferenciais, e o seus pontos fortes, não os colocamos em hierarquia, ambos possuem seu potencial na leitura, mostramos que o docente pode optar por uma ou se adequar as duas no momento de prática.

Em *O trabalho do ilustrador* trazemos nomes de autores e ilustradores brasileiros, que fazem um trabalho de qualidade que não se limita a uma técnica. Finaliza-se o tópico analisando a obra de Lygia Bojunga pela autora e ilustradora Janaina Tokitaka, onde a mesma

faz uma análise da relevância que o livro infantil ilustrado possui de discutir temas complexos pela escrita e ilustração.

Nas sugestões de livros levantamos um acervo contendo sete livros infantojuvenis com informações básicas como ano de publicação, os autores e ilustradores da obra. As leituras abordam temas importantes, que podem gerar debates e proporcionar alguma identificação com seus conteúdos. Com pequenas sinopses, trazemos alguns elementos das histórias.

As propostas de atividades divide-se em dois subtópicos, o primeiro traz dois tipos de questionários, o objetivo, com questões relacionadas às leituras e as atividades a elas relacionadas sobre o quanto o estudante acha importante, e o discursivo, onde procura-se compreender além dos gostos, e ainda perguntamos se houveram momentos de leitura que não fossem retiradas de suas apostilas ou livro didático. O segundo subtópico traz as oficinas baseadas nas leituras anteriormente mencionadas, e umas inéditas. Com oficinas dinâmicas que envolvem sentimento como o caso do pote de palavras, ou confecção de brinquedos, colagem, quem sou eu culinário e gravuras de livros.

A respeito das referências debatemos com o auxílio de Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido*, Teresa Colomer com *Introdução a literatura infantil e Juvenil atual*, o Guia de Mediação do Itaú, o podcast *Como começar a ler para crianças: a obra de Lygia Bojunga* com Laila Mouallem e José Orenstein na locução. Sugerimos leituras pertinentes a qualquer idade com autores como Pablo Lugones que traz a linda história sobre a passagem de tempo na vida de uma pai e sua filha em *O passeio*, no livro *Um dia, um rio* Léo Cunha aborda a tragédia ambiental que destruiu a bacia do Rio Doce, Tino Freitas que traz a corajosa *Leila*, em uma ilustração aquarela delicada, uma baleia que passa por uma situação de abuso a qual ela vai à luta de justiça, Ninfa de Freitas e André Neves, autora e ilustrador respectivamente, com a história dos catadores de recicláveis *Donana e Titonho* e o ilustrador e autor Fernando Vilela com a história de dois irmãos e suas aventuras na belíssima cidade do Pará, em *Tapajós*, com ilustrações em gravura que encham os olhos.

A contracapa possui uma colagem de papel cinza resguardo e com um grampo segurando traz uma frase em espiral do livro de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, quando o personagem Dumbledore diz “ Palavras são, na minha humilde opinião nossa inesgotável fonte de magia, capazes de formar grandes sofrimentos e também de remedia-los.”.

O produto educacional aqui apresentado originou-se a partir das experiências com a turma da Educação de Jovens e Adultos, sendo as atividades realizadas inseridas na Revista. Não tivemos a oportunidade de aplicar a revista, todavia ao executamos as ideias a partir da

prática compreendemos as reações dos alunos com os livros, a execução e funcionamento das atividades, o que funcionou e o que não funcionou, os pontos fortes da nossa prática em sala.

5. Considerações finais

Buscando uma forma de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso sobre um tema que fosse de alguma das nossas áreas de interesse, decidimos fazer um produto educacional pela possibilidade de produção conjunta, nos unimos pelo gosto da literatura e planejamos aplicá-la no Estágio como temática central das nossas regências para observar como algumas coisas funcionam na vivência da Educação de Jovens e Adultos.

Durante as leituras e atividades realizadas, nem tudo saiu conforme o planejado, percebemos que alguns pontos podem ser melhorados, por exemplo, equilibrar aqueles que demandam mais tempo e aqueles que não para concluir atividades, pedimos que uns ajudassem seus colegas, pois ensinando também se aprende. Procuramos estar próximas dos estudantes ao máximo, transitando pela sala e observando o andamento das suas produções. Vislumbramos que a Educação de Jovens e Adultos demanda um cuidado diferente, que despertou mais ainda nossa sensibilidade e empatia com os estudantes, mostrando uma educação que deve ser o mais horizontal possível.

Por todos esses aspectos discutidos neste trabalho, podemos inferir que em relação aos dados de autores do tema e as vivências dentro da Educação de Jovens e Adultos, a modalidade ainda não atribui a Literatura como ferramenta no desenvolvimento do processo de alfabetização, reflexão e lazer. Os conteúdos voltados a leituras são, em sua maioria, voltados ao processo de apreensão de códigos, e decodificação de mensagens em pequenos textos. A literatura ilustrada não entra sequer em debate em uma sala de alfabetização de adultos, local onde seria mais que necessário abarcar a leitura de textos, conjuntamente com imagem e seu papel informativo, descritivo ou complementar.

Para que os estudantes estejam estimulados ao ato da leitura eles precisam de um docente que esteja disposto a auxiliar nessa jornada. O estímulo e a identificação tornam-se nessa etapa o primeiro passo para criar futuros leitores. Ao realizarmos os trabalhos dentro de sala de aula fomos capazes de investigar a realidade dos estudantes, questionarmos seus gostos e fazer um diagnóstico de como era o contato dos mesmos com a literatura. Diante disso, levamos livros e atividades que possibilitasse a dinâmica de inserimento da literatura ilustrada dentro de sala de aula, ao selecionar os livros nos preocupamos em separar. Todavia, retornando ao mesmo local, foi observado que nada se modificou em sala relacionado a

literatura, apesar das respostas positivas dos estudantes, se referindo às leituras disponíveis no livro didático. Essa situação traz consigo um questionamento, até que ponto o sistema de ensino está comprometido a inserir literatura, neste caso, de qualidade, para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

A criação da revista se mostra uma ferramenta para a modificação do cenário atual da Educação de Jovens e Adultos com a literatura ilustrada. Além dela servir diretamente na prática com as sugestões de livros e oficinas, ela ainda dispõe de aparatos informativos aos docentes que estarão munidos das importâncias do inserimento da literatura, além de guiar o docente em relação a aplicá-la. Um dia, almejamos que a *Revista Passeios, literatura ilustrada como ensino e aprendizagem para a eja* seja de fato publicada e difundida a todos os professores, contribuindo diretamente em sua formação, seja ela inicial ou continuada. Que novas edições sejam escritas, para que seja possível fortalecer as nossas ideias e que novas sejam abraçadas e divulgadas.

Para concluir, é preciso que outros estudos se façam necessários a respeito dessa temática, para que a leitura do livro ilustrado seja tida como prática fundamental na modalidade de Jovens e Adultos. Contribuir com a leitura, seja ela em qualquer etapa educacional, é imprescindível, porém na Educação de Jovens e Adultos ela se mostra mais simbólica, que por meio dela ultrapassamos os conteúdos programáticos da sala de aula, e vamos ao campo da cultura, da imaginação e autoestima do estudante, se tornando um processo que ultrapassa os muros da escola, e reage no íntimo dos estudantes, que ao terem contato conosco diziam “nunca leram para mim quando eu era criança”, e ao fim da nossa experiência disseram “na escola estamos fazendo o resgate da nossa infância”.

6. Referências bibliográficas

AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **Formação do professor: contação de histórias e mediação de leitura**. Anais IV ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/786>>. Acesso em: 15 dez. 2022

ANDRADE, Júlia Parreira. **O PAPEL DA ILUSTRAÇÃO NO LIVRO-ILUSTRADO: UMA DISCUSSÃO SOBRE AUTONOMIA DA IMAGEM**. 1. ed. Uberlândia: Anais do SILEL, 2013. v. 3. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_759.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em 18 nov. 2022.

_____. **Constituição (1934). Lex: Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicad332432580_034.htm>. Acesso em: 22 nov. de 2022.

_____. **Decreto nº 8213, de 13 de agosto de 1881.** Regula a execução da Lei nº 3029 de 9 de janeiro do corrente ano que reformou a legislação eleitoral. Coleção das Leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, v. 2, p. 854-923. 1881.

_____. **Decreto n. 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925. Estabelece o concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior.** Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, v. 2, p. 20-96, 1926. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d16782aimpressao.htm>. Acesso em 18 nov. 2022.

_____. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 30 nov. de 2022.

_____. **Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001.** Brasília: MEC, 2001c. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso 18 nov. de 2022.

CARVALHO, Ana Carolina; Baroukh, Josca Aline. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária.** 1. ed. - São Paulo: Panda Books, 2018.

COOPER, Aline Nilo. **Autoestima: Sua Importância No Processo Ensino Aprendizagem Dos Estudantes Da Educação De Jovens E Adultos - Eja.** Manaus: Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA Pró-Reitoria De Ensino De Graduação Escola Normal Superior - Ens Curso De Licenciatura Em Pedagogia, 2018. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/1699/1/Autoestima%20-%20sua%20import%C3%A2ncia%20no%20processo%20ensino%20aprendizagem%20dos%20estudante%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos%20-%20EJA.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2022

COURSES, Ted . **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história.** Youtube, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=515s.>> Acesso em: 25 nov. 2022.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

CORREIA, Júlia Vieira. **IMPLÍCITOS E INFERÊNCIAS: AS PARTES QUE FALTAM NA LITERATURA ILUSTRADA**. Niterói: Universidade Federal Fluminense Instituto De Letras Programa De Pós-Graduação em Estudos De Linguagem, 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16754/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20J%C3%9ALIA%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

ESTÈS, Clarissa Pinkola. **Os contos dos irmãos Grimm**. Tradução: Lia Wyler. 1. ed. Rocco, 2005.

FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V.; CALDIN, C. F.; CALDIN, C. F. **Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 194-206, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/33369>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz & Terra - 2021

ITAÚ, Social. **Guia para Mediação de leitura**. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Guia-de-mediacao-para-leitura.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LEÃO, Michele de. **Lei Saraiva (1881): se o analfabetismo é um problema, exclui-se o problema**. Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30737/20890>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LESTRADE, Agnès de. **A GRANDE FÁBRICA DE PALAVRAS**. 1 ed. Aletria, 2010.
LISBOA, Fabio. Et al. **Contação de histórias: tradição, poética e interfaces**. Edições Sesc, 2019.

MEDEIROS , Fábio Henrique Nunes ; RAUEN, Taiza Mara. **Contação de histórias: tradição, poética e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

PANIAGO, Cecília Yade Nogueira Alves. **A relação entre professor - aluno na educação de jovens e adultos (EJA)**. TCC Pós Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Profissional Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Goiás – IFG. Senador Canedo, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/533>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

PINTO, Francisco Neto Pereira. **Regina Zilberman responde: FANTASIA, LITERATURA E ESCOLA: POR QUE ISSO DEVERIA INTERESSAR A VOCÊ?**. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=33BpTUxOeWs&t=484s>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Ced São Bartolomeu, São Sebastião - DF, 2021.

SANTOS, Iva Carla; PINHEIRO, Alexandra Santos. **A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS EM DOURADOS-MS: A DIFÍCIL TAREFA DE FORMAR LEITORES.** 70. ed. Campinas, São Paulo: Leitura: Teoria & Prática, 2017. 117-131 p. v. 35. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/download/604/412>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, 2014a. DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/07/cirriculo-movimento-eja.pdf>>. Acesso em 20 nov. de 2022.

SOUZA, Clara Etienne Lima de; SOUSA, Rafael Batista de. **Literatura infantil: um convite à reflexão.** In: FONSECA, Mônica Padilha; ALVES, Cândida Beatriz (Org.). *Ludoteca: Infância, Brincadeira e Arte na comunidade.* Brasília: Editora IFB, 2020.

VILELA, Fernando. **Os Tápajos.** 1. ed. Brinque-Book, 2014.

_____. **Lampião & Lancelote.** 1.ed. Pequena Zahar, 2016.

TOLEDO, Eymard. **Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco.** VR editora , 2016.

VAN DER LINDEN, Sophie . **Para ler o livro ilustrado.** Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.